

CÃO LAPORTE

GAP

Geraldo Félix Lima

Instituto de Ciências Biológicas

"fui andando por um caminho
ramo verde balançou
fica quieto, ramo verde
nosso tempo já acabou".

popular

Passado passado. De há muito não se diz do cão que morreu. Era assim meio fusco. Branco. Ruço. Orelhas de vira-lata cruzado com buldogue. Cão rosento. Pai tinha-o sempre na corrente para não morder os passantes. À frente da casa na estrada real. Vindos os cavaleiros com alforques em garupa de cavalos e bruacas em burros, ouvido o estertor do tropel, ele, ágil saía, de susto quando por descuidado meu pai se esquecera de amarrá-lo. Nacos bons-pernas gordas. Nacos magros-pernas secas. De variadas carnes saboreou, humanas, não impune. De cabresto. De chicote. De taca. De tira de couro cru (na época meu pai curtumeiro), repetidas surras, lições fáceis esquecidas. Ouvido longínquo movimento de gato, orelhas se entesando. Laporte. Laporte, seu nome. Cão branco bonito como não mais se viu. E visto for não será Laporte, pois é morto. Aprazia-lhe passar susto nas galinhas, quando menos esperassem, de surpresa relâmpago lá fazendo vênias de

comê-las em penas. Dia trouxe dos brejos saracuras, ainda ao fresco escorrendo sangue. Louvado por isto, bom pedaço dangu mereceu. Era coragem. Compridas brigas. De correr cães mais experientes. Até mesmo com o do Sr. Odorico Pinhas, cujo era o símbolo de toda força canina das redondezas.

Quando pensando em Laporte, tenho sensação de evo. Permanente. Cão vivo no esdrúxulo da memória. O pai dizia: — Laporte, tem veneno — a fim de mostrar às visitas ser dono de cachorro ensinado por ele mesmo. Laporte fazia trejeito de avançar, tamanha fome. Pai, dedo ereto ameaça. Laporte fazendo barulhinhos de cão, pondo cabeça entre as patas dianteiras elevando cômico o trazeiro com ar de farejar caça. De escutar codorna. De perseguir inhambu. Que isto de que gostava em campo aberto sem obrigação. — Laporte, não tem veneno não, tá curada — dizia o velho, recolhido o dedo. O cão comia, as visitas se entusiasmavam. Pai dizendo falado de um outro cão Pintor, paqueiro de primeira, por tempo fornecedor de carne à casa, finado de furadas de facadas que inimigo seu, ele de bem sabido qual, havia feito. Cão esse se arrastou para morrer em terreiro do dono.

Dia de agosto de ano que não me vem, agosto mês de cães hidrófobos, de loucos houve briga havida bem no nosso nariz, ali presentes pendurados na tranqueira, os meninos. Laporte saíra bem não fora mordida na cauda, leve-sobreleve.

Torcida formada em delirantes gritos e palmas, torcemos. Os cães outros, eram os do sêo Quincas, do Mamede, do Antônio Ricardo, do sêo Jesu Gonzaga. Vinham de descontar coro mal dado de injustiça por Laporte em Assembléia, cadelinha mo-fina que vivia de angariando restos de lavagem. Até hoje riem quando conto estaistória, solidariedade invejada. Distribuída a justiça os cães se recolheram, a cadelinha festa e flerte com todos os eles. Iscamos Laporte no princípio da briga, mãos em concha. Mal sabidos de que contada a vitória que não tinha havido assim tão visível, derrota viria. O cão deu de babar, rabo-entre-pernas. Esmorecido, virando pra gente boca arreganhada. Desta mudança no comportamento, pai presentiu causa mais que certa. E amarrou-o

por dez dias, longos dez dias, cão uivando sem lua, cansado sem canseira, espichada língua, babando em bicas, e tentado a morder. Pai deu formicida pra ele em bola de carne. — Laporte, tem veneno. Tem veneno, não, Laporte — pai brincou. Cão lambeu, não comeu. Pai pôs o pó branco puro: por vezes mais continuadas lambeu com gosto. Bateu rabo pra espantar as moscas.

À tarde, numa tarde foi o enterro dos cachorros. Pois outros cães, outros que haviam brigado também descobertos de estarem hidrófobos tiveram mesma sorte. Arrastança. Arrastados. Arrastamos todos. Nós, o nosso. Os outros, os deles. Amarrados com corda de bacalhau, dessas de adjuntar subcarga. Seguimos pelo caminho vermelho que vara por perto dos pastos do Michel, de são Quim-Quim, donde se pode ver o povoado com igreja e casa paroquial única de andares. No valo das vertentes que separa a terra dos Fernandes da terra dos Motas, ali terra branca, fofa, oca, tabatinga, cavamos vala comum onde os sepultamos. E hoje, até hoje quando passo por lá rezo por alma de Laporte, por via das lembranças.